



Caderno de Educação Patrimonial



Ricardo Ara

- # **Sobre o caderno** pg. 1
- # **Conceitos-chave** pg. 2
- # **Árvore genealógica e cultural** pg. 5
exercício n.1
- # **Mapa afetivo da cidade** pg. 11
exercício n.2
- # **Desvendando um objeto** pg. 15
exercício n.3
- # **O que a fotografia me diz?
ou O que digo eu dela?** pg. 19
exercício n.4
- # **Sobre o Vila Flores** pg. 25

Sobre o caderno

O que é patrimônio cultural? Como nos relacionamos com ele no dia-a-dia? Quem decide o que deve ou não ser preservado? Essas são algumas das perguntas que nos colocamos quando refletimos sobre o patrimônio cultural.

Enquanto um bem compartilhado que faz parte do nosso processo de formação social, o patrimônio cultural desempenha um papel fundamental na construção da nossa memória coletiva. Nós moldamos e somos moldados por ele. Daí a

a importância de conhecermos, nos apropriarmos e refletirmos sobre esse conceito e seus instrumentos de partilha.

Nesse caderno, propomos dois exercícios lúdicos como forma de assimilarmos de forma prática a noção de patrimônio e sua relação com a vida. Essa publicação foi concebida pela Associação Cultural Vila Flores, localizada na cidade de Porto Alegre, Brasil.

Conceitos-chave

Chamamos de Patrimônio Cultural as manifestações e expressões criadas pelo ser humano que gostaríamos passar às próximas gerações e que, ao longo do tempo, se ressignificam. Nesse processo, o Patrimônio é modificado, apropriado, preservado ou esquecido. Ele não se restringe somente àquilo que se herda do passado - é também o que se vive no presente. Como o passado que ressoa no agora, nossa história constrói e transforma o Patrimônio, tornando-o vivo.

Segundo o **Artigo 216 da Constituição Federal de 1988**, o conceito de patrimônio cultural refere-se aos "bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira."

Educação Patrimonial é um dos instrumentos de caráter processual e sistemático adotado em nome da preservação do patrimônio. É a partir do trabalho educativo que se estabelece o processo ativo de conhecimento crítico, apropriação e valorização do patrimônio, fundamental para o fortalecimento da memória coletiva. As atividades ligadas à área de Educação Patrimonial podem ser trabalhadas de forma teórica, em ambiente de sala de aula, bem como de maneira prática, em um museu ou espaço cultural, em um ambiente laboral - como o próprio canteiro de obras de um sítio patrimonial -, ou mesmo através de plataformas virtuais. Suas aplicabilidades são diversas e só se tornam efetivas na medida em que falam diretamente sobre e com as comunidades a que se dirige. A educação patrimonial depende, sobretudo, de sua integração à vida.

No Brasil, a autarquia federal responsável pela preservação do patrimônio cultural do país é o **IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional**.

(..)

canto como quem reconhece
a presença de crianças
encantadas
de origens etnias e nações
distintas
convivendo na mesma praça
há uma revolução no passado
e ela há de chover no presente

MARIO CHAGAS

Árvore genealógica e cultural

O Patrimônio, embora às vezes pareça um conceito distante, está bem próximo das nossas vidas. Isso porque nosso primeiro Patrimônio é a vida; e através dela que construímos o que somos.

Podemos pensar a família como esse primeiro núcleo de construção de nossa Identidade e o meio social como ingrediente essencial para a nossa elaboração enquanto indivíduos de uma sociedade complexa. Além dos traços físicos e das características genéticas que nos são passados através da família, maneiras de pensar e de agir são também adquiridos por outras influências sociais.

Nesse primeiro exercício, propomos que você construa a sua árvore, não somente genealógica mas também cultural. Conhecer os nossos ancestrais e as conexões estabelecidas entre eles é um importante fator para nos apropriarmos de nossa história, mas nosso ser também é constituído de diversas influências e referências do meio social. Para nos aproximarmos dessa miscelânea que somos, a intenção é produzirmos, de maneira gráfica, uma construção narrativa capaz de nos reorganizar enquanto sujeitos.

As perguntas da próxima página são guias para a construção da sua árvore. Respondê-las será como colocar as folhas nas pontas dos galhos e espalhar as raízes pelo solo — quanto mais perguntas e reflexões você tiver, mais vistosa e saudável será a sua árvore, com raízes fortes, tronco vigoroso e uma folhagem exuberante. Sinta-se livre para construir o seu percurso e elaborar suas proprias perguntas. Esse é o seu patrimônio, tem a cor e a forma que você quiser.



Em uma analogia do nosso ser com uma árvore, temos as raízes como heranças genéticas, e a copa com as referências do meio social.

Dito isso, vamos começar de baixo para cima, do solo até o céu, da raiz até a flor.

Qual é a origem dos seus antepassados?
Você conhece esses lugares?
Você imagina como era a vida nesses lugares? Se imagina vivendo como eles viveram?
Quais são os hábitos dos seus antepassados que você reconhece reproduzidos em você?
Quais deles você quer manter e quais você deseja deixar para trás?
Quais são as suas características físicas que você reconhece dos seus antepassados?

Quais as cores, cheiros e sabores marcantes da sua infância?
Quais os eventos que você se lembra de quando era criança?
Durante a sua juventude, tiveram momentos que fizeram você escolher um caminho diferente para sua vida?
O que mais da sua formação como indivíduo merece um ramo forte na sua árvore?

Quais são as músicas que marcaram a sua juventude?
O que elas diziam?
Quais são as músicas que você escuta hoje?
O que elas dizem, como são?
Algumas pessoas marcam a nossa memória — você sabe dizer algo sobre elas?
Existem lugares que não saem do nosso pensamento — você consegue descrevê-los?

Para construir a árvore genealógica tradicional, você pode utilizar algum site que ofereça esse serviço, como o Genoom e o Geni. O bom é velho **papel & caneta** pode ser uma alternativa mais divertida :) assim é possível personalizar a árvore com diferentes cores, inventando símbolos para representar cada membro da família e acrescentar campos próprios de preenchimento para além dos básicos nome completo, data e local de nascimento etc.

Caso você tenha **fotos de seus familiares**, aproveite para deixar a árvore ainda mais completa. Nesse momento, é legal observar as feições de cada pessoa, buscando semelhanças e diferenças entre as gerações.

Para montar a sua árvore cultural, o importante é usar a criatividade. Mergulhe nas suas referências, acesse os lugares mais profundos da sua memória afetiva, invente a sua própria maneira de construí-la. **Aproveite esse exercício para reinventar a ideia da árvore genealógica tradicional.**



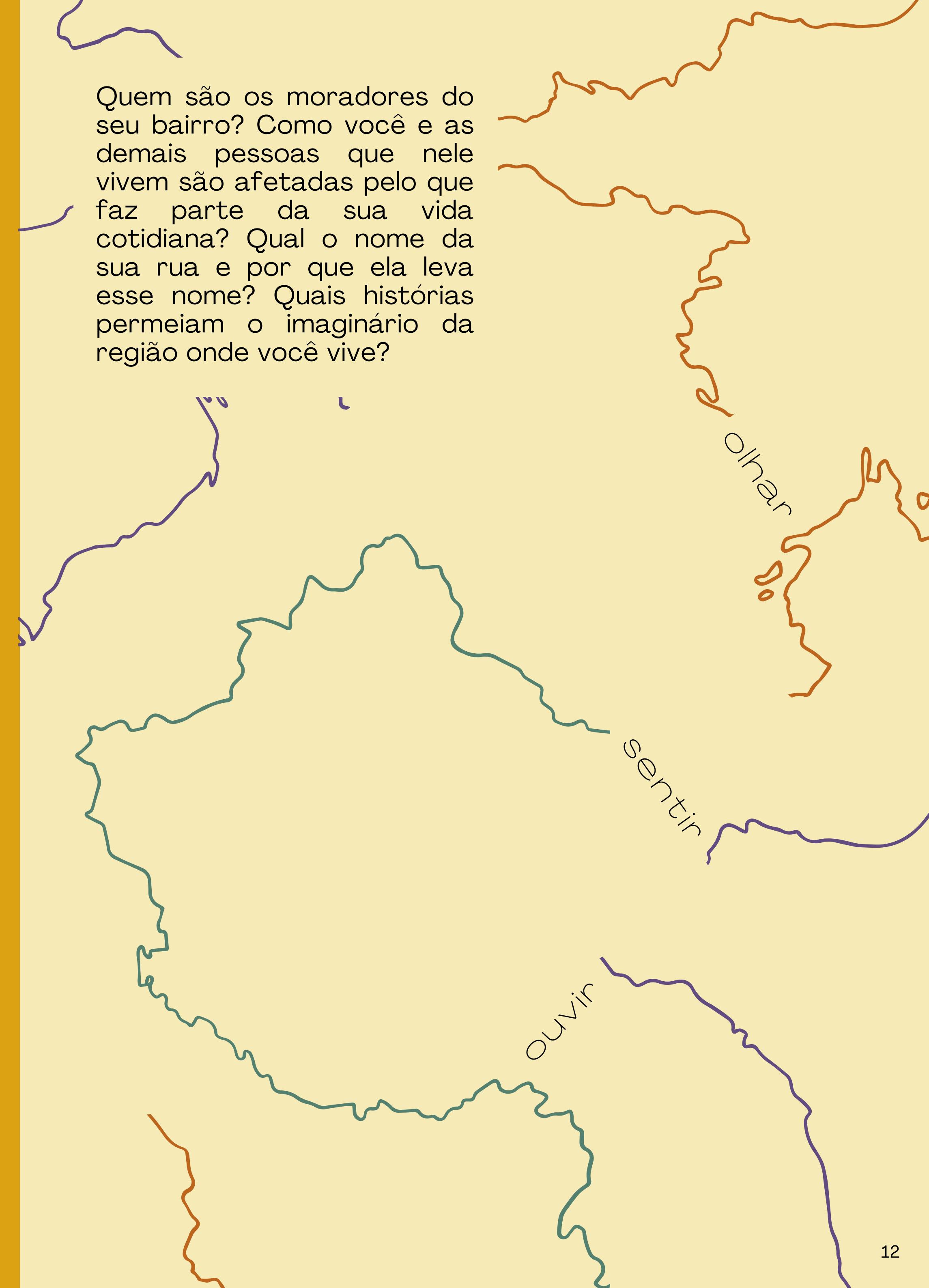
Mapa afetivo da cidade

Qual o sentido de uma cidade sem pessoas? E qual a potência do afeto para a construção de cidades mais conectadas às comunidades que nela residem?

O olhar cotidiano e a forma como nos movemos dia-a-dia pela cidade oculta uma vasta possibilidade de potenciais em territórios familiares. É possível exercitarmos outras maneiras de nos colocarmos pelos caminhos, atentos às pessoas que passam, as histórias que recaem sobre cada viela, aos cheiros e sons a nossa volta, às diferentes memórias atreladas a pontos comuns desse lugar a que chamamos de cidade.

Nesse segundo exercício, te convidamos a construir um mapa afetivo do seu bairro e/ou cidade. A elaboração de uma cartografia própria é um convite a investigarmos as diferentes potencialidades do nosso território e de reforçarmos nosso vínculo com ele, partindo de um imaginário pessoal. Sugerimos que você comece por um raio de extensão menor — a rua ou o bairro em que você vive — e, aos poucos, parta para uma área de maior abrangência.

Quem são os moradores do seu bairro? Como você e as demais pessoas que nele vivem são afetadas pelo que faz parte da sua vida cotidiana? Qual o nome da sua rua e por que ela leva esse nome? Quais histórias permeiam o imaginário da região onde você vive?



Embora a construção do mapa seja feita de forma intuitiva, o grupo Acupuntura Urbana desenvolveu um esquema chamado de '**Triângulo de Pesquisas**' que pode te ajudar nesse processo. Ele parte de três diretrizes:

olhar (observar o entorno)
ouvir (formular perguntas e respostas)
sentir (se abrir e vivenciar, se abrir para o silêncio)

Para construir o mapa, você pode lançar mão de diferentes recursos. Quanto mais material você recolher em seu processo investigativo, melhor. Fotos, vídeos, desenhos, gravações em áudio, enfim.

Algo que pode agregar bastante na sua pesquisa é o **contato com os moradores**. converse com seus vizinhos e registre esses encontros, fazendo perguntas como: De que forma seus vizinhos chegaram até o seu bairro? Desde quando eles vivem ali? Qual o lugar preferido deles do entorno?

Ao final ou durante o processo de construção do mapa, compartilhe-o com a sua família, seus vizinhos e demais moradores do seu bairro. **Quem sabe essa iniciativa não inspira a construção de um mapa coletivo?**



Desvendando um Objeto

Um objeto pode nos ensinar uma infinidade de coisas para além de sua materialidade. Ele fala sobre o tempo. Quando percebemos o desgaste da matéria em decorrência do uso; quando pensamos sobre o tempo que levou para ser produzido; quando refletimos sobre os seus ciclos de vida. O objeto também nos diz algo sobre as maneiras de viver — ele nasce com uma finalidade, mas pode adquirir outras ao longo do tempo ou mesmo deixar de ter qualquer tipo de função. O objeto fala sobre nós mesmos, uma vez que, ao fazermos essas indagações, projetamos nossa própria subjetividade sobre ele.

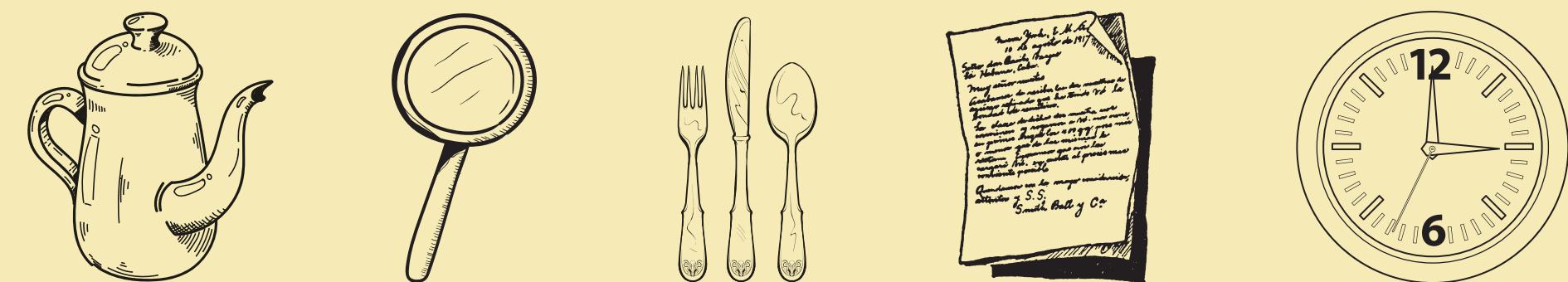
Nesse primeiro exercício, propomos que você escolha um objeto de sua casa para desvendar. O objeto deve encontrar você e você a ele. Ele é um artefato, fruto do trabalho de alguém que o concebeu para um propósito. Esse objeto, por algum motivo, capta a sua atenção.

Para que você experience o processo de investigação, é interessante selecionar um objeto do qual você não tenha tanto conhecimento ou familiaridade mas que, de alguma forma, esteja envolto de uma aura que transcende a sua materialidade, pura e simplesmente.

Uma vez escolhido o objeto, olhe bem para ele. Perceba seu peso, textura, cheiro; se envolva por completo em seu processo investigativo, fazendo uso de todos os sentidos do corpo. Em seguida, procure responder às seguintes perguntas:



De onde vem? Como ele veio parar na sua casa? Há quanto tempo esse objeto está presente na sua vida? A quem ele pertencia?



Para que ele serve? Sua função original ainda é a mesma? Quanto valia esse objeto? Seu valor aumentou ou diminuiu? De que forma ele foi feito? Por quem foi produzido? Em quanto tempo foi construído?

Atente para outros objetos semelhantes ou que se relacionem a ele de alguma forma (algumas vezes, um objeto só tem sentido em seu contexto ou quando em conjunto).

Pergunte para outras pessoas sobre ele. Pode ser que memórias adormecidas apontem indícios importantes para a sua investigação.

Depois de levantar esses e outros questionamentos trazidos por você, pare e tente formular algumas conclusões a partir das alternativas elaboradas durante o seu processo. Há indícios de que sua imaginação está te levando no caminho de estabelecer alguma informação mais precisa sobre esse objeto?

Após esse primeiro momento, olhe novamente para o objeto escolhido, repita o procedimento anterior e perceba como você o verá de outra maneira. Ele não será mais o mesmo. Ao se implicar em suas investigações subjetivas, você agregou significado e valor ao objeto.

Ao final da atividade, compartilhe suas descobertas com alguém próximo de você e proponha uma segunda investigação conjunta.

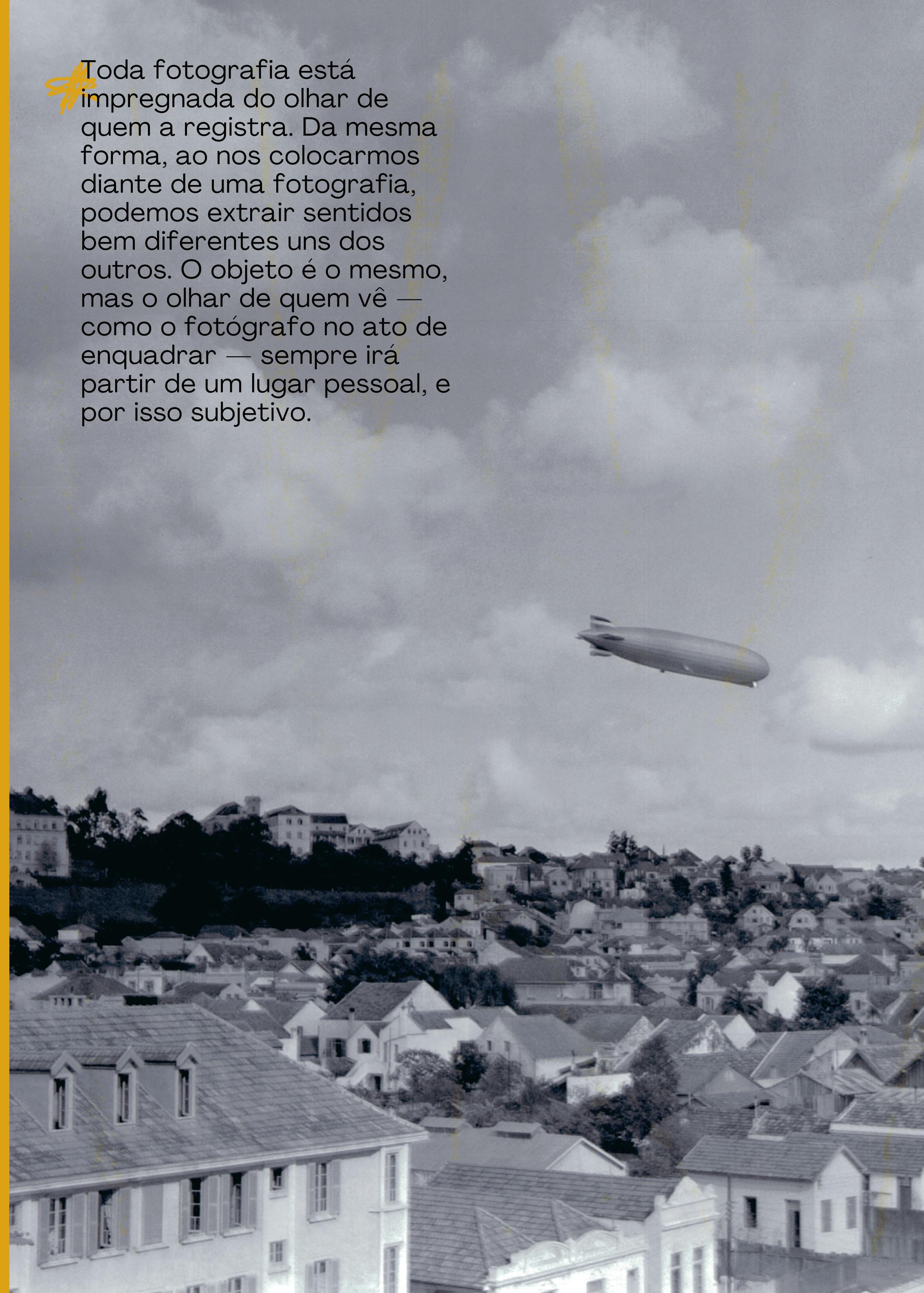


O que a Fotografia me diz? Ou o que digo eu dela?

Vivemos um período de produção massiva de informação. A visão parece ser o maior alvo dessa estimulação abrasiva, uma vez que as imagens integram, dia-a-dia, o nosso olhar. Essa exposição constante provocou consequências significativas na forma como nos relacionamos com as imagens. Parece que perdemos a capacidade de construir narrativas e estabelecer sentidos sobre aquilo que vemos.

Seja deslizando o dedo pela tela do celular ou em frente ao computador, não demoramos mais do que poucos segundos no exercício de olhar essas imagens que vêm e vão. Nessa mesma perspectiva, a fotografia digital inaugurou possibilidades disruptivas na forma com que nos relacionamos com o mundo. Ainda assim, segue representando com uma dimensão própria a ponte que se constrói entre o real e o simbólico. A fotografia nos apresenta um recorte específico de mundo – não só do que se fotografa mas também de quem vê por trás das lentes e dá o clique.

Toda fotografia está impregnada do olhar de quem a registra. Da mesma forma, ao nos colocarmos diante de uma fotografia, podemos extrair sentidos bem diferentes uns dos outros. O objeto é o mesmo, mas o olhar de quem vê — como o fotógrafo no ato de enquadrar — sempre irá partir de um lugar pessoal, e por isso subjetivo.



Nesse exercício, propomos que você escolha uma fotografia e construa uma narrativa ficcional a partir dela, imaginando possíveis histórias e brincando com as diferentes leituras que uma imagem pode ter.

Para fazer o exercício, você pode selecionar qualquer fotografia que esteja a seu alcance. Sugerimos que você comece com alguma foto dos **álbuns da sua família**, podendo ser uma imagem cujo contexto você conheça ou não.

Caso você queira fazer essa brincadeira **coletivamente**, proponha que uma ou mais pessoas além de você olhe para a mesma foto e construa uma narrativa própria. Depois de finalizado o processo, compartilhem suas histórias.

A construção ficcional pode se dar de outras maneiras que não textualmente. Experimente posicionar a fotografia no centro de uma folha e desenhar os entornos dela, como se estivesse a mostrar, através do desenho, os pedaços ao redor da imagem que a lente não conseguiu capturar.

Sinta-se convidado a experimentar outras formas de compor sua história a partir da fotografia escolhida — seja através da **elaboração de um conto, de um desenho, poema ou música**.



Lunar I, fotogravura em metal e serigrafia de Anna Bella Geiger, 1973.

Para se inspirar:

A partir de fotos da lua feitas durante as missões Apollo da Nasa, a artista **Anna Bella Geiger** criou, no início dos anos 1970, uma série de fotogravuras ligadas ao tema da chegada do homem à lua. Em 2019, na data que marca os 50 anos do evento, a poeta brasileira **Marília Garcia** parte da obra de Geiger para compôr um texto que, segundo ela, traça caminhos para "enxergar no meio da poeira / para descobrir as coisas mais simples: / pra onde ir, como dar os primeiros passos / o que fazer / como morar no azul."

Esse caderno foi concebido de forma coletiva pelo núcleo de educação patrimonial da **Associação Cultural Vila Flores** em 2020, e adaptado de um material original criado para o nosso primeiro fórum patrimonial, o **FAZER — Fórum de Ação, Zeladoria, Educação e Resistência Patrimonial**. Nesse seminário online, que você pode assistir [clicando aqui](#), discutimos questões contemporâneas relacionadas ao patrimônio no Brasil.



Sobre o Vila Flores

O **Vila Flores** é um centro cultural e núcleo de práticas colaborativas localizado na cidade de **Porto Alegre - Brazil**, criado por um grupo diverso de pessoas que transformou um espaço abandonado de 1415m² herdado por uma família em um dinâmico centro cultural, educacional e criativo.

Essa iniciativa promove a preservação do patrimônio cultural da cidade através de atividades culturais e da criação de um espaço de trabalho para artistas e empreendedores sociais. O objetivo desse núcleo multidisciplinar é fomentar uma comunidade criativa que empodera o bairro e conecta os cidadãos entre si, desafiando a utopia da vida em comunidade e da consciência da regeneração urbana no Brasil.

Comunidade colaborativa

Na Vila, os vileiros desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de todas as atividades que emergem desse espaço comum. São pessoas que acreditam e praticam uma nova maneira de viver e compartilhar, e

que têm seus espaços de trabalho, estúdios e ateliês nos edifícios históricos do Vila Flores, construindo uma nova camada de memórias e cultura.

Mais de **110 iniciativas** circularam ao longo dos 6 anos de existência do Vila, transformando aos poucos esse espaço multidisciplinar em um organismo vivo com valores e práticas compartilhados para uma sociedade mais humana, sustentável e colaborativa.





Conjunto arquitetônico de valor histórico e cultural

Habitamos um **conjunto de prédios datado de 1928** na região do 4º Distrito de Porto Alegre/RS, construído pelo arquiteto alemão Joseph Lutzenberger e projetado para uso residencial, tendo sido o lar de famílias e trabalhadores do período industrial do bairro. O espaço conta ainda com um galpão de 140m², que ao longo dos anos foi utilizado para diversas finalidades.

O 4º Distrito era a região mais produtiva da cidade de Porto Alegre, ainda na década de 40, e foi deixado de lado pela prefeitura no desenvolvimento urbano pós-industrial. Desde 2010, a área tem atraído muita atenção dos polos criativos da cidade, passando por processos de gentrificação e especulação, situação corriqueira em muitas cidades em desenvolvimento urbano. Em contrapartida a esse movimento, o Vila oferece à cidade uma alternativa de como orientar um desenvolvimento social e urbano transformador com dinâmicas participativas,

encontrando riquezas e sonhos compartilhados nas comunidades locais e buscando ativamente sua realização. Ao continuamente reforçar a dinâmica social e de trabalho que pretende ver no mundo, a comunidade do Vila preserva um solo fértil para o patrimônio vivo florescer, e a memória coletiva se enriquecer.

Associação cultural sem fins lucrativos

O Vila é gerido pela **Associação Cultural Vila Flores**, entidade da sociedade civil sem fins lucrativos responsável por incentivar e promover a acessibilidade às artes e à cultura, apoiando e elaborando projetos que visem o desenvolvimento social, artístico e criativo das comunidades através de 4 eixos principais: Arte e Cultura; Educação; Empreendedorismo social e criativo; e Arquitetura e Urbanismo.

Para conhecer mais sobre a nossa história, recomendamos que você assista ao **documentário sobre o Vila Flores**, filmado em 2018. Você pode encontrar e assistir aos 4 episódios, disponíveis também com legendas em inglês, [clicando aqui](#).

Devido à pandemia, fechamos nossas portas ao grande público na tentativa de estimular as medidas de isolamento social, mas você pode nos visitar de forma virtual, fazendo nosso [tour online](#). Dividido em 2 episódios, essa **visita guiada virtual** conta como nos tornamos um centro cultural, e algumas de nossas descobertas feitas durante as reformas arquitetônicas e estruturais do complexo.

Vamos adorar saber o que você pensa e sente sobre a nossa trajetória até agora — garantimos que tem sido uma jornada desafiadora e gratificante. Estamos no Instagram ([@vilaflorespoa](#)) e Facebook ([/vilaflorespoa](#)), e você também pode nos contatar pelo email contato@vilaflores.org





Conceito & autoria

João Felipe Wallig

Sofia Perseu

Tradução

João Felipe Wallig

Revisão de tradução

Roberta Dias da Silva

Sofia Perseu

Editoração

Roberta Dias da Silva

Projeto gráfico e diagramação

Sofia Perseu

Associação Cultural Vila Flores

Porto Alegre, Brazil

janeiro 2021

vilaflores.org



VILA FLORES